



Território e Educação: relatos de estudantes do Curso Técnico Subsequente em Agroecologia do Instituto Federal do Acre

Territory and Education: reports from students of the Subsequent Technical Course in Agroecology at the Federal Institute of Acre

SOUZA, Gabriela¹; SILVA, Célia²; DIAS, Joana³; SALOMÃO, Ana Cláudia⁴

¹ SOS Amazônia, gabrielaantonibio@gmail.com; ² Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Acre, celiadsantis@gmail.com; ³ Instituto Federal do Acre e Universidade Federal de Brasília, joana.dias@ifac.edu.br; ⁴ Secretaria de Estado de Planejamento do Acre, anasalomao@hotmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A presente pesquisa foi desenvolvida enquanto trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar, ofertada pelo Instituto Federal do Acre. O objetivo consiste em refletir sobre a relação entre educação em agroecologia e o conceito de território, em diálogo com autores como Arroyo, Pessoa e Lervolino e Pelicioni e com as narrativas de discentes do curso técnico subsequente em agroecologia do *Campus Avançado Rio Branco - AC "Baixada do Sol"* do Instituto Federal do Acre, que cursaram o primeiro e o segundo período do curso no segundo semestre do ano letivo de 2019. Para proceder à escuta, registro e reflexão sobre as narrativas dos e das discentes do curso técnico em Agroecologia, a perspectiva metodológica da pesquisa buscou referências no campo de estudos da história oral, da pesquisa-ação, da pesquisa participante e dos grupos focais que se refere a uma forma de entrevista coletiva, a partir da perspectiva da comunicação e na interação, como métodos mais oportuno para a criação de um espaço de diálogo coletivo, com maior alcance e sensibilidade em relação às histórias de vida narradas. A pesquisa permitiu identificar e apontar questões sociais que cruzam a vida discente, assim como a importância de instituições que pensem na diversidade enquanto lógica do social. A pesquisa promoveu reflexões acerca da elaboração e a prática de políticas públicas que visem o encaixe de distintas identidades e histórias no processo de ensino-aprendizagem, que apresentem perspectivas de uma real transformação social e nas relações de trabalho, que sejam justas, sensíveis e alcançáveis, para que de fato, a demanda de formação em distintas áreas profissionais no âmbito da vida na floresta, sejam atendidas.

Palavras-chave: Amazônia, agricultura familiar, educação do campo, educação profissional, juventude.

Introdução

O presente artigo é fruto da construção de uma monografia que foi desenvolvida no Curso de Pós-graduação em Agricultura Familiar ofertado pelo Instituto Federal do Acre/IFAC na linha de Pesquisa de Agroecologia, com o enfoque na Educação em Agroecologia, que traz formas de saberes, conhecimentos e habilidades, estabelecendo articulações entre natureza, trabalho e cultura, ao mesmo tempo em que busca gestar uma formação humana crítica-emancipatória-ecológica, que se contrapõe à pedagogia do capital (PESSOA, et al, 2022). Essa Educação



Agroecológica é uma importante política pública de formação profissional na assistência técnica e extensão rural.

O objetivo desta pesquisa consiste em refletir sobre a relação entre educação em agroecologia e o conceito de território, a partir das narrativas de discentes do curso técnico subsequente em agroecologia do Campus Avançado Rio Branco Baixada do Sol do Instituto Federal do Acre.

O debate em torno da educação não é nada simples. Essa é uma pauta extremamente abrangente e com muitas complexidades ao longo de toda a vida das composições sociais. A contribuição da pesquisa para o eixo escolhido diz respeito à construção do conhecimento agroecológico a partir da análise dos relatos dos/das estudante do curso técnico em agroecologia, onde foi possível refletir sobre os conhecimentos possíveis e as formas de aprendizagem utilizadas dentro do formato do respectivo curso, com ênfase na coprodução de saberes populares entrelaçados aos saberes acadêmicos.

Nesse sentido, Miguel Arroyo coloca como necessário pensar novas epistemologias do conhecimento, desde espaços geopolíticos tidos como subalternizados, onde se sente de fato, como o modo de produção capitalista incorpora a substância da colonização, determinando um sistema de valores epistemológicos, sociais e socioeconômicos, inviabilizando os movimentos socioculturais das identidades. Para o autor, isso denota a existência de práticas antipedagógicas, e de um currículo que edifica aspectos homogeneizantes, que fortalecem a matriz colonial do poder, engendrada a um eurocentrismo esmagador e excludente.

A anti pedagogia trazida e perpetuada pelos colonizadores por processos que envolveram e envolvem desde sempre a pilhagem, a invasão e a expropriação da terra, se cruza com a colonização do currículo, do saber-poder. O objetivo deste tipo de anti pedagogia é o da invisibilidade, a homogeneização, a criação de estereótipos, a produção do outro como não-humano ou sub-humano, mas como ignorar que estas populações por suas lutas históricas e por empurrar o campo do Direito e da Educação, forçando-os a ceder, conquistaram e conquistam dia a dia não só um lugar no banco escolar, como também um lugar social e cultural, reivindicando que sejam olhados, pensados, dialogados em seus anseios, suas lutas e conquistas e que sejam, sobretudo, reconhecidos como sujeitos de direito. “Só nos tornamos visíveis, existentes em espaços, terra, território” (ARROYO, 2011, p. 76).

A educação em agroecologia está em construção, sua trajetória é marcada pela criação dos IFs em 2008, a institucionalização dos Núcleos de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEAs) com financiamento via edital público em 2010, a realização bianual dos Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs) organizados pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e dos Congressos Brasileiro de Agroecologia (CBAs) e as construções de Planos Pedagógicos dos Cursos (PPC) referentes aos cursos com foco na temática agroecologia. É importante destacar que, a educação agroecológica é um processo em construção,



e no contexto do Estado do Acre, as portas ainda estão sendo abertas, principalmente a partir do reconhecimento das práticas agrícolas já realizadas enquanto saberes agroecológicas.

Metodologia

Para proceder à escuta, registro e reflexão sobre as narrativas dos discentes do Curso Técnico em Agroecologia, a perspectiva metodológica da pesquisa buscou referências no campo de estudos da história oral, da pesquisa-ação, da pesquisa participante e dos grupos focais que se refere a uma forma de entrevista coletiva, a partir das interfaces da comunicação e na interação, como métodos mais oportuno para a criação de um espaço de diálogo com as pessoas implicadas na situação investigada. Esse diálogo entre diferentes abordagens teórico-metodológicas, com correntes, campos de estudos e autores tão distintos, deve-se ao exercício de perceber as aproximações possíveis que ampliam a capacidade de interlocução dessa pesquisa com as demais ações desenvolvidas tanto no âmbito científico da agroecologia quanto no âmbito de suas práticas enquanto movimento social.

A história oral trabalha com a transmissão de experiências, através da oralidade, pautando a memória como acontecimento, vinculada à permanência dos saberes, e, portanto, se encaixa dentro da perspectiva e objetivos dessa pesquisa. Explicitar, apresentar, relatar, observar.

A pesquisa foi realizada/construída, coletivamente, com alunas/os do primeiro e segundo período do curso técnico subsequente em agroecologia, no segundo semestre letivo do ano de 2019 do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Acre – *Campus* Baixada do sol. Este *campus* está localizado no maior conjunto de bairros da periferia da cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Abrangendo no total 16 bairros, alcançando cerca de 20% da população acreana, com aproximadamente 75 mil moradores e 45 mil residências (IFAC, 2013). As entrevistas foram realizadas através do método de grupos focais, explorando e reunindo informações acerca do tema pesquisado, a partir de uma entrevista grupal, onde se pode identificar, com os dados coletados, as relações sociais que permeiam o cotidiano dos e das participantes da pesquisa. Entende-se que: “O grupo focal consiste em uma técnica onde a dinâmica interacional entre os participantes e o pesquisador permite adquirir dados pela discussão, focada em tópicos específicos” (LERVOLINO e PELICIONI, 2001).

Resultados e Discussão

Os resultados aqui apresentados e discutidos visam apresentar reflexões suscitadas a partir da análise e interpretação das falas das alunas e dos alunos do curso técnico subsequente em agroecologia, tendo como foco, os seguintes tópicos: território e educação em agroecologia. Em relação aos tópicos, foram abordadas as perspectivas dos e das estudantes em relação a sua origem, seu espaço físico de origem e, como isso influencia a constituição da sua identidade, social e cultural



indagando também, a conexão de cada um/uma com sua origem e a relação pessoal campo-cidade. Dando ênfase nos aspectos de referências e também de trajetória de vida. Fazendo recortes sobre consciência de classe e racismo institucional. Foram analisadas as falas referentes aos processos pedagógicos vivenciados pelos alunos e alunas em toda a sua trajetória de vida, refletindo sobre as questões inerentes às políticas de acesso à educação e a percepção individual sobre o curso técnico subsequente em agroecologia.

Destacaremos aqui, um desses relatos, para compreender e ampliar as discussões. A partir da primeira pergunta do eixo temático que destaca a Origem/Cultura/Território/Identidade: Qual a sua trajetória de vida? A relação com território onde viveu? Origem da família/familiar? Onde a participante H, respondeu:

PARTICIPANTE H - (Eu escolhi a palavra BRASILEIRA. Por que Brasileira? Porque eu vim do Sul, né? Do Paraná, passei pro estado de Rondônia e agora estou no Acre. É... eu me sinto acreana, muito acreana. Me sinto às vezes rondoniense, quando estou em Rondônia. Paranaense quando eu estou no meu Estado, ribeirinho quando estou na beira do rio, entendeu? Talvez quilombola por eu ter amigos quilombolas, mineiros devido meus pais são mineiros, entendeu? Tem uma origem ali também mineiro, entendeu? Baianos porque eu tenho amigos queridos baianos. Carioca também... Entendeu? E também indígena, porque eu vim... porque minha mãe é filha de índio, entendeu? Africanos, descendentes africanos, quilombos, porque também tenho descendência de africano. Então, Brasileiro, é ser tudo isso. Então eu sou tudo isso pra mim ser brasileira. Dentro da agroecologia, o que eu quero é que todos esses brasileiros tenham uma vida melhor (...).

Pode-se observar aqui, como as identidades culturais incorporam elementos e características, no decorrer de suas decisões, ao longo da vida, bem como o trânsito dessas identidades em diferentes trajetórias agrárias brasileiras, como algo grande, múltiplo. Assim como o contexto do território amazônico, onde sabe-se que chegavam em grandes números de pessoas, de outras regiões do Brasil, em vários momentos/ciclos/épocas diferentes, registrados ou não pela história oficial.

A abordagem sobre o conceito de território tratada aqui não se restringe a uma unidade espacial, mas também compreende o desdobramento dessa unidade, caracterizada pelo modo de uso desse espaço. A relação social que constrói esse espaço é o trabalho (FERNANDES, 2012). “Processos de territorialidade-desterritorialidade-reterritorialidade, representam a essência da resistência das pessoas no enfrentamento contra o capital” (FERNANDES, 2012, p. 744).

Conclusões

A pesquisa permitiu identificar e apontar questões sociais que cruzam a vida das e dos brasileiras/os no contexto do território acreano. Como por exemplo, a existência de instituições que pensem na diversidade enquanto lógica do social, destacando o



entrelace sociocultural dos e das estudantes do curso com o território onde encontra-se sua comunidade, onde se pode destacar a linguagem produzida coletivamente, com membros dessas comunidades e familiares, acerca da construção de histórias e culturas.

Dessa forma, essa comunidade, através de seus integrantes, vivencia perspectivas e experiências educacionais com o objetivo de incentivar o protagonismo na construção de sonhos de vida, metas, projetos, para dentro e fora do território. Bem como pensar a agroecologia no âmbito da educação, enquanto técnicas ou métodos de resistência, um leque de possibilidades, desenvolvendo assim, formas sustentáveis para o desenvolvimento das sociedades, e o trabalho com e na terra.

Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel G. e FERNANDES, B. M. - A Educação Básica e o movimento social do campo/ - Brasília - DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, Nº 2, 1999.

CALDART, Roseli. S., PEREIRA I. B., ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. Dicionário da educação do campo. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio Expressão Popular. Rio de Janeiro • São Paulo. 2012.

DIAS, Alexandre Pessoa, et al. Dicionário de Agroecologia e Educação. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV-Fiocruz), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) Editora Expressão Popular. Rio de Janeiro e São Paulo, 2022.

FERNANDES, Bernardo. M. Território Camponês. In: CALDART (org) Dicionário da educação do campo. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV-Fiocruz) e Editora Expressão Popular. Rio de Janeiro e São Paulo, 2012.

LERVOLINO, Solange; PELICIONI, Maria Cecília. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Revista da Escola de Enfermagem, São Paulo, v.35, n.2, p. 115-121, 2001.